

## REFLEXÕES SOBRE O GRAFISMO INFANTIL – VISITANDO A CULTURA INDÍGENA E EXPERIMENTANDO COM O BARRO

ERICSSON AMORIM ARAUJO<sup>1</sup>; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ericsson.amorim@gmail.com](mailto:ericsson.amorim@gmail.com) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [maristaniz@hotmail.com](mailto:maristaniz@hotmail.com) 2

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a apresentar uma pesquisa em andamento que tem o objetivo de desenvolver e refletir práticas pedagógicas introdutórias a história e a cultura indígena nas salas de aula de ensino fundamental como sanciona a lei 11.645 de 2008. Pretende-se também relacionar essa pesquisa com a proposta da disciplina de Artes Visuais na Educação I - Pré Estágio, que visa estudar o grafismo na infância, considerando a influência da cultura e das experiências da criança no momento em que desenha“(...) provavelmente para a criança, naquele instante, qualquer gesto, qualquer rabisco, além de ser uma conduta sensório-motora, vem carregado de conteúdos e de significações simbólicas” (DERDYK, 1993).

Relato aqui as atividades desenvolvidas na escola municipal de ensino fundamental Dr Balbino Mascarenhas localizada no bairro Simões Lopes na cidade de Pelotas. As atividades ocorreram com duas turmas de 3º ano com alunos de oito a dez anos de idade, a convite da professora de artes da escola e foram desenvolvidas por dois membros do PIBID (Programa institucional de iniciação a docência) sub projeto Artes visuais da Universidade Federal de Pelotas, programa ofertado pelo governo federal que aproxima futuros mestres a realidade das salas de aula da rede pública de ensino, membros também do coletivo de arte-educação Vão Negro que dialoga com temas relacionados a cultura afro-brasileira e indígena em escolas e outros ambientes de formação cultural, com a contribuição de uma aluna da licenciatura em artes visuais e com a professora de artes da escola formada em Teatro pela Ufpel. O autor descreve, analisa e reflete sobre essa atividade de experimentação proposta na disciplina de pré-estágio executada com o auxílio dos estudos de Derdyk (1989; 2010) e Lavelberg (2008).

### 2. METODOLOGIA

A união da proposta da disciplina de Pré-Estágio e da Oficina de Cerâmica indígena se deu através da relação da execução do desenho com um material não convencional até então não usado antes pelas crianças para desenhar, o barro, material esse que tem papel essencial nas práticas culturais indígenas e em suas heranças. Antes de desenhar com o barro em estado líquido (conhecido como engobe) houveram três momentos importantes que introduziram algumas práticas da cultura indígena no universo das crianças. Primeiro aconteceu uma roda de conversa sobre a arte indígena, em um segundo encontro produzimos peças de argila inspiradas nas cerâmicas indígenas, no terceiro encontro pintamos essas peças (pretendo refletir sobre esses processos em outro texto que dará segmento a essa pesquisa) e no momento final propus para algumas crianças que já haviam terminado a pintura de suas peças que desenhassem com engobe em folhas de tamanho A2. Ensinei as quatro como se preparava o barro

para pintura e expliquei que ele era utilizado nesse estado por algumas tribos indígenas e por ceramistas para pintar e finalizar peças para serem queimadas. Depois que preparamos o engobe, distribui folhas grandes em tamanho A2 e sugeri que elas pintassem com os dedos e com as mãos, que explorassem o papel de uma forma diferente da que estavam habituadas, usassem o gesto e percebessem o movimento do corpo para marcar o papel.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As folhas foram dispostas no chão e as crianças pintaram de forma livre sem que houvessem nenhuma interrupção ou sugestão durante o processo, três crianças terminaram o desenho em menos de dez minutos e a última a terminar dedicou mais tempo a atividade, aproximadamente vinte minutos. Os resultados finais dos desenhos me despertaram algumas reflexões relacionadas ao estudo dos textos sobre o desenho infantil propostos na disciplina, os trabalhos ficaram muito distintos com exceção dos desenhos de Emília e Clarice - nomes fictícios - (figura 1 e figura 2) que demonstram claramente a preocupação com a representação do lugar que vive a criança e do contexto em que ela está inserida, percebe-se daí que cada criança tem uma forma de se relacionar com o desenho e como escreve Derdyk que:

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (DERDYK, 2004, p.56).



Figura 1 (Desenho Emília)



Figura 2 (Desenho Clarice)

Nos desenhos de Emília e Clarice percebe-se a presença do Estágio Esquemático do desenho infantil que se desenvolve dos sete aos nove anos de idade, conforme os estudos de Viktor Lowenfeld (1977) - teórico pesquisador das fases de desenvolvimento do desenho infantil - nessa fase a criança aprimora o conceito da forma e os desenhos são descritivos, simbólicos e com mais detalhes. Emília desenhou um auto retrato e a casa de sua família, já Clarice desenhou os três oficineiros que estavam compartilhando vivências com a sua turma naquele dia, perguntei a Clarice quem eram aquelas três pessoas que havia desenhado e ela disse que eram Ana, Levy e eu (respectivamente conforme a imagem). Pode-se perceber aí que momentos que trazem vivências diferentes das que os alunos

estão acostumados ao ambiente da sala de aula são marcantes e simbólicos para essas crianças.

Nos desenhos de Jaci e Dandara - nomes fictícios - (figuras 3 e 4) pode-se notar que as meninas exploraram outro tipo de representação e relação com o papel e os materiais, Jaci foi a criança que mais demorou para concluir sua pintura, em um dado momento depois de começar a pintar com o barro perguntou-me se podia usar tinta guache e pincel no desenho, disse a ela que podia usar todos os materiais que quisesse, ela então optou por usar as tintas rosa, preta e vermelha, na composição do trabalho. Percebi uma forte influência das referências que levamos para a turma no primeiro encontro, Jaci pintou toda a superfície da folha com grafismos que os índios usavam para finalizar suas cerâmicas e na pintura corporal, quando passamos a elas que esses padrões étnicos tinham valores e significados dentro das tribos que iam muito além do decorativo, as crianças se encantaram, tentamos interpretar alguns padrões com elas e percebemos a representação da figura de animais em muitos deles, talvez daí tenha vindo o interesse de Jaci em trazer esses padrões para o papel. Jaci fez assim uma visita a um universo gráfico e simbólico que está sendo inserido em sua realidade, aventura-se em um mundo diferente do seu e:

“É nesta aventura idealizada entre os seus desenhos e representações, que a criança descobre-se, reconhece as cores diferentes, experimenta as inusitadas formas, os traços sinuosos, manipula as mais variadas texturas, explora os espaços do papel, encontra as diferentes maneiras para interpretar os seus desenhos como também apropriar-se da realidade no qual está inserida”. (Simas, 2011)

No desenho de Dandara (Figura 4) percebemos a força do momento e da necessidade do ser humano de deixar marcas no mundo, necessidade essa que se desperta na infância e nos acompanha desde que o homem inventou o homem. Dandara carimbou sua mão inúmeras vezes no papel preenchendo toda a sua superfície, a relação do fazer artístico de Dandara com as pinturas rupestres é evidente, esse fazer gera reflexões que transitam da arte primitiva à contemporânea, quando pensamos não somente no resultado final do trabalho da criança, mas também no momento da performance que ela se dispôs a executar quando deixa sua marca no papel, o desenho aí transborda, sai do papel, torna-se corpo, ação e memória.

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).



Figura 3 (Desenho Jaci)



Figura 4 (Desenho Dandara)

#### 4. CONCLUSÕES

As vivências experienciadas na pesquisa geraram reflexões fundamentais sobre as fases de desenvolvimento do desenho da criança e sobre a educação nas escolas de ensino infantil, esse pensar reflexivo se faz presente em todos os momentos em que estive envolvido no projeto, desde a elaboração das atividades, à sua execução e registro. Quando entro em contato com a realidade escolar muitas questões me tocam, lembro dos anos que passei em salas semelhantes aquelas, penso na forma hierárquica em que a escola é estruturada e em como muitas vezes todo o potencial que aquelas crianças têm acaba se perdendo ali naquele lugar pensado há séculos e controlado por estruturas de poder do estado. Lugar esse que entende a criança como um ser sem luz - sem conhecimento a-luno, lugar que condiciona o conhecimento da criança e dita o que estas devem aprender - dever -, lugar que muitas vezes reproduz no ambiente micro, preconceitos enraizados que vem da sociedade macro. Essas questões me fazem pensar que tipo de educador eu quero ser, reflito sobre como desenvolver práticas que transformem mesmo que por instantes a realidade escolar daqueles pequenos seres que estão descobrindo o mundo e que no futuro vão dar continuidade a construção do legado da raça humana na terra, não quero contribuir com a formação de pessoas alienadas, que não refletem sobre seus controversos hábitos diários e sobre seus valores construídos por doutrinas problemáticas. Imagino que seja possível encontrar uma forma sensível de despertar essas pequenas mentes para tudo isso, porém mais reflexões e ações coletivas são necessárias.

O trabalho desenvolvido com essas crianças de terceiro ano, junto a outras vivências em escolas públicas me fazem pensar constantemente sobre a forma com que coloco o meu corpo dentro do ambiente escolar. Todo o processo da oficina de cerâmica indígena e da atividade de desenho com o barro resgatam uma cultura que está sendo exterminada diariamente no Brasil desde 1500, é preciso que sejamos resistente e despertemos essa consciência nas crianças.

Os resultados relacionados ao desenvolvimento do grafismo na infância obtidos na atividade de desenho permitiram-me uma aproximação com o universo infantil que me fizeram compreender a relação do registro da criança com o ambiente que a cerca e com os acontecimentos não convencionais que podem surgir nesse meio.

Percebi que trabalhando a pluralidade cultural nas escolas temos uma série de possibilidades a explorar, essas possibilidades nos levam a lugares físicos e a lugares mentais não visitados ainda. O imaginário da criança é muito fértil e com essas práticas entendi que é essencial deixá-las livres para imaginar, fluir e criar.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. Prática e Formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

Simas, Daiana Leão. **Riscos e rabiscos** : a contribuição do desenho infantil para a alfabetização. Salvador, 2011.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras**: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.